

CHAMAMOS à nossa casa Colina das Malvas-Rosas. Está situada numa encosta suave voltada para o sul, onde miríades dessas flôres antigas se destacam como altas velas multicores, iluminando o nosso quintal de maio a setembro. Gosto de vaguar pelo meio delas, aspirar seu perfume estival, sentir o delicado tecido de suas pétalas e observar as abelhas em sua faina. É um dos meus lugares de meditação. Aqui e em outros lugares queridos—um velho tóco sob um dossel de galhos de macieira, um banco junto de um velho barracão batido pelo tempo—eu reflito, faço perguntas e dou respostas sensatas e permanentes. Por que tôdas as coisas flutuantes—uma fôlha que cai, uma sedosa teia de aranha sôlta, um pedacinho de lanugem de cardo—são tão graciosas? *É porque submeteram sua vontade a uma fôrça mais poderosa que a sua.* Por que êsses brotos nascem tão vigorosos em tórno do tóco morto? *Porque a fôrça da vida é mais forte que a fôrça da morte.*

Sento-me num canto elevado, de onde descortino por sôbre os telhados os campos, os riachos e os bosques ao longe e pergunto: “Quem possui esta terra? Quem possui aquele gavião que paira sôbre o milharal de Kirchdoerfer e as vacas malhadas de prêto e branco no pasto de Schonhoff?” Todos e ninguém. *Eu. Você. Qualquer um pode possuí-los.* Pois, na realidade, quem pode possuir a terra? Uma vaca? E as côres e a simetria das penas de um azulão? O

Podemos tentar aprisionar
a brisa com nossas cêrcas ou
prender um pedaço
do universo só para nós.
Mas a posse não é
tão simples

JEAN BELL MOSLEY

Ricos, Até que Ponto?



canto de um grilo? A fumaça de uma chaminé? Tôdas estas delícias não representam uma expressão do Criador, tanto as coisas que crescem na terra como o céu e o vento em sua ação integrada para fazê-las crescer? Uma vaca é uma vaca, um homem é um homem e uma flor é uma flor. Mas tudo são elementos que se fundem num só. E só quando os absorvemos, nos entrosamos com êles, os personificamos e os compreendemos totalmente é que conseguimos possuí-los.

Alguns dias, quando os meus pensamentos parecem pender como teias úmidas em porão mofado, as respostas não me vêm com facilidade. O meu lado prático dirá, censurando: "Mas você não pode entrar no pasto de Schonhoff, apanhar uma vaca e trazê-la para casa. Você não pode vender uma das vacas de Schonhoff." Em outros dias, porém, quando meu pensamento paira acima da lógica terrena, eu raciocino: "É verdade. Mas eu vejo as vacas pela manhã, soltas, saindo do grande estábulo no alto da colina após a ordenha, bamboleando e sacudindo a cauda. Vejo-as ao meio-dia deitadas na sombra fresca e ao cair da tarde recolherem-se tumbidas de leite. Ouço seus mugidos. Fotos delas no riacho, com água até aos joelhos, estão penduradas nas paredes da minha mente.

JEAN BELL MOSLEY—dona de casa e escritora—vive na cidade de Cape Girardeau, em seu estado natal de Misúri. É autora de vários romances: *The Mockingbird Piano*, *Wide Meadows* e *The Crosses at Zarin*.

Com tudo isso, quem pode dizer que eu não participe da posse dessas vacas?"

Mas eu nem sempre pensei em posse nesses termos. Eu raciocinava em termos de documentos legais, cofres fortes, coisas nas prateleiras da despensa ou na adega. Quando chegamos à Colina das Malvas-Rosas com a escritura trancada num cofre de metal, pareceu-me boa idéia levantar uma cerca de arame trançado, prêsso a robustos moirões de cedro. Durante vários anos eu tive uma vaga consciência dos grandes olmos, carvalhos e nogueiras que varriam os céus a apenas 60 metros de distância, e dos campos de margaridas que ondeavam até ao horizonte, tudo, infelizmente, do lado de fora da nossa cerca. Quando um cardeal voava para fora de nosso terreno e ia pousar no vizinho, eu me recusava a ouvir o seu canto e ficava esperando que outro pássaro viesse cantar dentro de nossas próprias fronteiras. Como era verde o *nosso* gramado! Como eram viçosas e altas as *nossas* árvores! Como era linda a fumaça da *nossa* chaminé!

De repente, na primavera, quando ia transplantar algo de fora para dentro do nosso quintal, para possuí-lo e assim poder usufruir sua beleza, desenterrei uma ferradura enferrujada. Num golpe mais fundo, desenterrei uma ponta de flecha de índios peles-vermelhas. Senti que, se cavássemos mais fundo, desenterraríamos, camada após camada, os apetrechos das pessoas que em ou-

tras épocas haviam sido os donos de nossa encosta. *Donos?* Pela primeira vez aquela palavra penetrou na minha consciência. Súbitamente compreendi que algum dia outras pessoas morariam aqui e nossa terra seria delas. E lentamente me convenci que sua posse seria apenas temporária, dada por uma escritura feita pelos homens, exatamente como a nossa e como outras antes da nossa.

No início foi um pensamento inquietador, como se algum ladrão silencioso houvesse passado por ali e levado os nossos tesouros. Mas naquele momento um tordo levantou vôo do quintal do meu vizinho e elevou-se bem alto no céu para depois mergulhar soltando uma cascata de canto. E algo que despertou em mim sussurrou-me: “Eu sou dona do canto dêsse tordo. Pois não pertence a qualquer pessoa que o ouça? De que outra maneira se pode possuir o canto de um pássaro?”

Então olhei—mas realmente olhei—para os olmos e carvalhos aos quais eu antes não dava atenção. E êles pareciam acenar na brisa, dando-me as boas-vindas de regresso ao mundo verdadeiro do qual eu me havia desgarrado. O Sol produziu lampejos num punhado de fôlhas, como se as notas douradas do canto do

pássaro ali houvessem pousado e ficado penduradas no galho balouçante. E compreendi então que havíamos tentado aprisionar a brisa com nossas cêrcas e egoísticamente prender numa armadilha um pedaço do universo—e quem ficara aprisionado fôramos nós mesmos.

Sentada no monte de terra úmida assumi um compromisso. Escrituras e cêrcas não me impediriam mais de possuir a graça e ondulação das frondosas árvores dos meus vizinhos. Nenhum canto de pássaro deixaria de ser meu por vir de fora de nossa cêrca. O Sol que cintila no dorso de algumas ovelhas lanosas no vale de Caxemira, a meio mundo de distância, está brilhando para mim. E oxalá que alguém desperte a meio mundo de distância e pense nas “minhas” malvas-rosas como suas.

Agora, sentada sôbre o tôco ou sôbre a pilha de lenha, ou caminhando por onde antes existia a cêrca, eu me pergunto às vêzes: “Qual o limite da riqueza?” E a resposta vem resoluta. *O limite da riqueza está na proporção em que rejeitemos limitar-nos. Na proporção em que percebamos que tôda a criação de Deus pertence a tôdas as Suas criaturas. Na proporção em que reivindicemos a posse do universo!*



OS HOMENS que dizem que salada é “comida de coelho” fariam bem em lembrar o que essa comida faz pelos coelhos, diz o Dr. W. W. Bauer: “O coelho macho é ágil, não tem barriga e conserva sempre vivos seus interêsses românticos.”

—Times de Nova York